

A construção dos novos estabelecimentos da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, dirigida por Guilherme Elsdén

The construction of the new facilities for the Pombaline Reformation of the University of Coimbra, directed by William Elsdén

Rui Lobo¹

RESUMO

Há cerca de três anos, iniciámos um processo de cotejo sistemático da documentação escrita relativa à Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra (1772-1777), com os levantamentos, desenhos e projetos para os novos estabelecimentos, dirigidos e produzidos pelo Tenente-Coronel de origem britânica Guilherme Elsdén. Nesse quadro, realizámos uma comunicação para o ciclo de conferências «A Universidade de Coimbra no caminho para a Contemporaneidade», da 19ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra

¹ Departamento de Arquitetura / Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra – rlobo@uc.pt

(dedicada ao tema «Quem somos?»), que teve lugar na Casa das Caldeiras, em Coimbra, a 27 de abril de 2017.

Coordenámos, seguidamente, uma exposição de desenhos da Reforma Pombalina, no Museu Nacional de Machado de Castro (com a Dr.^a Virgínia Gomes, patente entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019), onde pudemos organizar cronologicamente um conjunto alargado de peças gráficas (algumas pertencentes à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), sequência que veio validar e reforçar a nossa primeira leitura dos factos.

No presente artigo (que resulta, em grande medida, do texto da comunicação de 2017) retomamos o estabelecimento de uma base cronológica para a datação de alguns desenhos-chave que foram sendo realizados no curto espaço de pouco mais de um ano, entre finais de 1772 e inícios de 1774. A seriação desses desenhos mostra como a Reforma Pombalina recebeu um incremento no impacto urbano e na escala das suas arquiteturas durante esse tempo, em particular na definição de estabelecimentos como o Observatório Astronómico e o Laboratório *Chimico*. Esse incremento deveu-se, em parte, ao desenvolvimento natural das propostas, mas também, e em grande medida, ao competente desempenho de Elsdén e ao crescente entusiasmo do próprio Marquês de Pombal em relação aos novos projetos.

PALAVRAS-CHAVE

Reforma Pombalina, Universidade de Coimbra, Guilherme Elsdén, Observatório Astronómico, Laboratório *Chímico*, D. Francisco de Lemos, Iluminismo.

ABSTRACT

About three years ago, we began a process of systematic comparison between the written documentation concerning the *Pombaline* Reformation of the University of Coimbra (1772-1777) and the surveys, drawings and designs for the new scientific buildings, directed and produced by the British Lieutenant Colonel William Elsdén. To that effect, we submitted a paper for the conference cycle «The University of Coimbra on the way to Contemporaneity», for the 19th Cultural Week of the University of Coimbra (dedicated to the theme «*Who are we?*»), which took place at *Casa das Caldeiras* in Coimbra, on 27 April, 2017.

The following year, we coordinated an exhibition of drawings of the *Pombaline* Reformation at the Machado de Castro National Museum (with Virginia Gomes, from October 2018 to February 2019). In this occasion, we were able to chronologically lay out a large collection of graphic pieces, a sequence which validated and reinforced our previous understanding of the facts.

In this article (which is largely the result of the 2017 paper), we have resumed this creation of a chronological basis for dating some key designs that were built in the short span of just over a year, between late 1772 and early 1774. This sequence shows how the architecture of the *Pombaline* Reformation increased in scale and urban impact during this period, particularly in the designs of scientific institutions such as the Astronomical Observatory and the Chemical Laboratory. This increase was due, in part, to the natural development of the proposals, but also, and to a large extent, to Elsdén's competent performance and to the growing enthusiasm of the Marquis de Pombal towards the new designs.

KEYWORDS

Pombaline Reformation, University of Coimbra, William Elsdén, Astronomical Observatory, Chemical Laboratory, Francisco de Lemos, Enlightenment.

Introdução

Entre 1772 e 1777, avançou na Alta de Coimbra a construção das infraestruturas universitárias destinadas às novas Faculdades de Filosofia e de Matemática, à Imprensa da Universidade e às modernas valências da Faculdade de Medicina, resultantes da Reforma Pombalina dos estudos.

O principal foco das intervenções, dirigidas pelo Tenente-Coronel inglês Guilherme Elsdén, foi a reabilitação dos edifícios do antigo complexo dos Jesuítas – os Colégios de Jesus e das Artes, sobretudo o primeiro. Estes estavam devolutos desde 1759, aquando da expulsão da Companhia de Jesus do país, na sequência da lei de 3 de setembro.

As obras estenderam-se também ao antigo castelo de Coimbra, onde se intentou construir um amplo Observatório Astronómico, tirando partido de pelo menos uma das torres da fortaleza, quando não das duas. Os trabalhos estenderam-se ainda à vizinhança da Sé Velha, junto da qual se levantou o novo edifício da Imprensa da Universidade, programa que ocuparia também o antigo claustro da catedral. Por fim, houve ainda uma operação de remodelação da sede da Universidade e das dependências reitorais, no Paço das Escolas, da qual não trataremos aqui.

Continua por fazer uma cronologia sistemática, mês a mês, do avanço das obras pombalinas e da produção dos desenhos correspondentes, de entre aqueles que são conhecidos e que compõem as coleções de vários acervos públicos, em Portugal² e no Brasil³, e também um notável álbum – o *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra* – na posse de privados⁴. O progressivo esclarecimento dessa cronologia é um objetivo que nos parece importante, a pouco tempo da efeméride dos 250 anos da Reforma Pombalina da Universidade. Uma das chaves para a sistematização que propomos é um conjunto de desenhos assinados pela mão do Marquês de Pombal, hoje dispersos por vários acervos e que, a nosso ver, terão de ser datados do verão de 1773.

2 Nos acervos públicos portugueses, destacam-se um álbum de desenhos avulsos pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Ms. 3377), os desenhos do *Livro de Provisões* do Museu Nacional de Machado de Castro (Ref^a. MNMC 2231), e ainda um conjunto de desenhos avulsos pertencentes a este mesmo museu. Outros desenhos avulsos são os que podemos encontrar no Arquivo da Universidade de Coimbra, no Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, nos Departamentos de Química e de Ciências da Vida da FCTUC (estes últimos relativos a projetos para o Jardim Botânico).

3 Na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, existem dois álbuns, um com os levantamentos realizados em 1772 a vários edifícios da Alta universitária, e outro com os primeiros projetos para o Laboratório *Chimico*.

4 Publicado em edição a preto e branco por Matilde Sousa Franco (ed.), *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983.

1772

A 22 de setembro de 1772, chegou a Coimbra Sebastião José de Carvalho e Melo, com o objetivo expresso de reformar a Universidade, dando-lhe novos estatutos e preparando literalmente o terreno para a construção das novas infraestruturas necessárias à reforma dos estudos e ao seu novo pendor teórico-prático e experimental. É bem conhecido o dia-a-dia do Marquês durante o período de cerca de um mês que passou em Coimbra, instalado no Paço Episcopal⁵. A 29 de setembro apresentou os novos Estatutos, em cerimónia solene na Sala Grande dos Atos. Eram criadas duas novas faculdades “experimentais” – a de Matemática e a de Filosofia Natural. A Faculdade de Medicina era também dotada de novas valências – o hospital universitário e o dispensário farmacêutico – que potenciavam a componente “prática” da aprendizagem das ciências médicas. A 1 de outubro, na abertura solene das aulas, Sebastião José assistiu, na mesma sala, à oração de sapiência de Bernardo António Carneiro, lente de Teologia Dogmática e colegial de São Paulo. Dois dias depois, “o Sr. Marquês foi à Livraria da Universidade e assistio as medidas q os engenheiros nessa tarde tomaram do seu pátio”. Estas medições do Paço das Escolas destinavam-se certamente à elaboração do projeto de reforma e ampliação da Biblioteca Joanina e da Capela da Universidade. Aparentemente, a 17 de outubro estava já pronto um primeiro projeto:

5 Miguel Carlos da Mota e Silva, *Diário da Visita do Marquês de Pombal a Coimbra*, Manuscrito do Arquivo da Universidade de Coimbra (Est.I, tab.3), publicado por António de Vasconcelos, “Diário da Visita do Marquês de Pombal a Coimbra na Reforma da Universidade”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 6, n.ºs 1-2, 1917, pp. 142-182.

*“... que as mesmas Capellas Real e Biblioteca sejam logo reedificadas pela planta e prospecto della por mim assignados que serão com esta Provisão debaixo da Inspeção do Reitor da mesma Universidade”*⁶.

Estes desenhos – um alçado e uma planta – são muito provavelmente os que se conhecem, assinados efetivamente pelo Marquês, e fazem parte do *Livro de Provisões* hoje guardado no Museu Machado de Castro⁷. Neles, previa-se a substituição da Capela de S. Miguel por uma nova capela, perpendicular ao pátio e colocada entre a Biblioteca joanina e uma sua duplicação. Simultaneamente, eliminava-se o ostentoso portal barroco da biblioteca em favor de um acesso geral feito pelo átrio da nova capela, marcado exteriormente por um sóbrio e novo portal pombalino. Esta obra (felizmente) não se fez.

Antes, a 11 de outubro, em Lisboa, D. José assinava uma Carta Régia em que se destinava a antiga igreja dos Jesuítas à nova Sé, o edifício do Colégio de Jesus à Universidade e à Cidade (em resultado da instalação do hospital) e o castelo à Universidade⁸. Seguir-se-ia, nos dias 15 e 16, uma série de provisões assinadas pelo Marquês, em que se atribuíam os espaços de forma mais específica a cada uma das valências das faculdades novas ou renovadas:

- O Colégio de Jesus ao Hospital, Teatro Anatómico, Dispensário Farmacêutico, Física Experimental, História Natural e Laboratório *Chímico*.
- O castelo ao Observatório Astronómico.
- O claustro da Sé Velha à Imprensa da Universidade.

6 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra*, 1777, publicado por Teófilo Braga, *Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1894, pp.166-167.

7 *Livro de Provisões*, Museu Nacional de Machado de Castro, MNMC 2231.

8 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, p. 161; Manuel Lopes d'Almeida, *Documentos da Reforma Pombalina*, Coimbra, Universidade, 1937, vol. 1, pp. 22-23.

- O Colégio Real das Artes ao Colégio da mocidade das Três Províncias do Norte e Partido do Porto (o *Colégio dos Nobres das Províncias*).

As provisões iam acompanhadas por peças gráficas de levantamento, supostamente assinadas pelo Marquês: uma “carta topográfica” do Colégio de Jesus; um “plano” do castelo; uma “carta topográfica” com o claustro da Sé Velha. As provisões ordenavam ainda que o Tenente Coronel Guilherme Elsdén e o Capitão Izidoro Paulo Pereira acompanhassem a tomada de posse dos edifícios, em nome da Universidade⁹.

Exemplares destes planos e cartas topográficas – de levantamento – não assinados pelo Marquês são aparentemente os que estão apenas ao *Livro de Provisões*, do Museu Machado de Castro. Conhece-se um outro conjunto de exemplares avulsos, pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. São também de 1772 as plantas que se fizeram da igreja da Sé Velha (para instalação da Misericórdia) e da antiga Igreja da Misericórdia (que passou a capela das Recolhidas), à rua da Calçada, na baixa da cidade.

O Marquês regressaria a Lisboa a 24 de outubro. Elsdén e a sua equipa devem ter também regressado à capital na mesma ocasião. Data de 25 de novembro de 1772 a belíssima planta geral do piso térreo de todo o antigo conjunto jesuítico, intitulada “*Planta Ichnotica do Collegio que foy dos proscriptos Jesuitas*” (**fig. 1**) e que hoje se conserva na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹⁰. Nela, os edifícios são distribuídos pelas novas valências, tal como estavam e praticamente sem alterações, recorrendo a um código de cores.

9 *Livro de Provisões*, Museu Nacional de Machado de Castro, MNMC 2231, ff.27-60vº; D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, pp. 162-166.

10 Foi anteriormente publicada por Maria de Lurdes Craveiro em *A Sé Nova de Coimbra*, Coimbra, DRCC, 2011, p. 44, e por Rui Lobo, “O Colégio de Jesus. Programa, história arquitetónica, iconografia”, *Rua Larga*, n.º 50, 2017, p. 53.

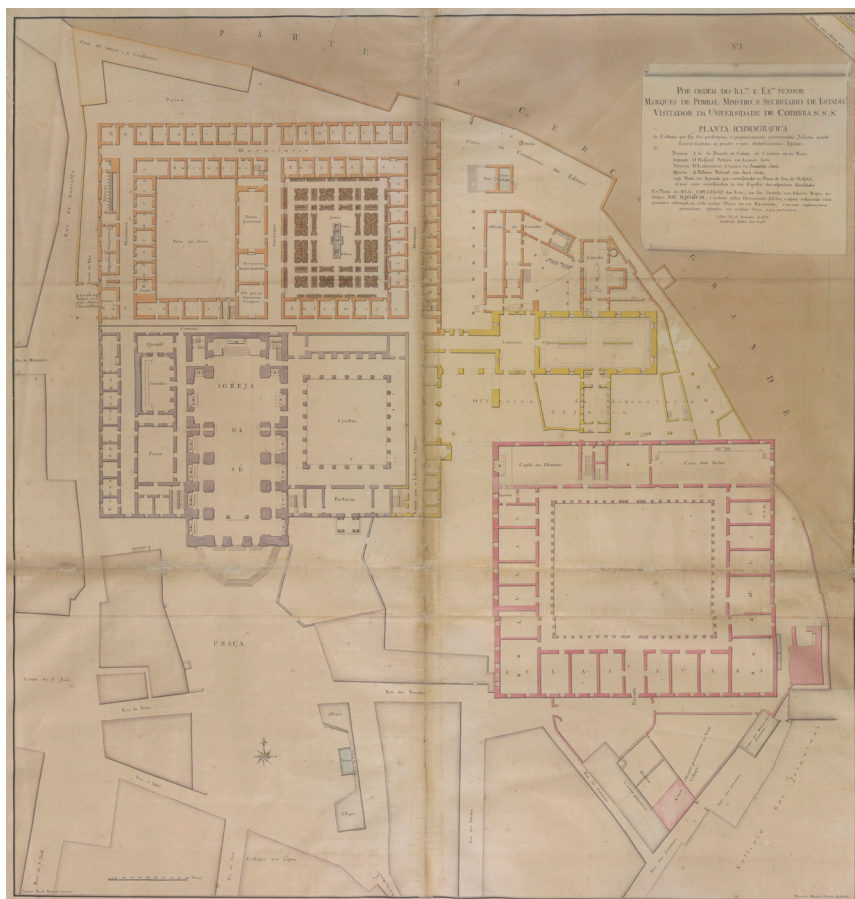


Fig. 1

Planta Ichnografica do Collegio que foy dos proscriptos
e perpetuamente exterminados Jesuitas. 25 de Novembro de 1772
(Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro).

Como assinala a legenda, esta planta foi realizada em Lisboa sob a direção de Guilherme Elsdén, pelos executantes Isidoro Paulo Pereira (Capitão) e Theodoro Marques Pereira (ajudante). Data do dia anterior, 24 de novembro, o “*Desenho para o Novo Observatorio Astronomico*” (fig. 2), o primeiro projeto conhecido para este equipamento e que consistia no aproveitamento de apenas uma das torres do castelo (a de planta quadrada), submetida a uma adaptação de pendor neogó-

tico. A outra torre (pentagonal) teria de ser, obviamente, demolida. Estes dois desenhos (**figs. 1 e 2**) fazem parte de um álbum guardado no Brasil, que contém um total de 12 pranchas¹¹.

Primeiro semestre de 1773

Na iminência das novas intervenções, o “Reitor-Reformador”, D. Francisco de Lemos, preparou um regimento de obras, de modo a regulamentar a atividade construtiva que se preparava. Logo que redigido e assinado (a 10 de janeiro), este documento foi enviado para Lisboa para apreciação do Marquês de Pombal, sendo aprovado por carta de confirmação de 18 de janeiro. O regimento define as competências dos vários intervenientes, desde o administrador aos apon-tadores, passando pelo recebedor, pelo arquiteto e pelos mestres, definindo também o modo de se realizarem as conferências periódicas sobre o estado das obras¹².

O documento oficial seguiria para Coimbra a 12 de fevereiro, a par dos “planos das uteis e importantes obras” – muito provavelmente as plantas de reformulação do Colégio de Jesus – ficando, porém, em Lisboa a “*planta do Laboratorio Chymico*” e a “*planta do Observatório Astro-nómico*”, porque “*quem trabalhava em ambos estes planos*” – certamente

11 Para além da planta geral, térrea, do antigo complexo jesuítico e do alçado do primeiro projeto do novo observatório, o álbum inclui o levantamento do antigo castelo e da torre que se pretendia aproveitar, o desenho do quadrante mural existente no observatório de Greenwich em Londres, as plantas altas dos colégios de Jesus e das Artes (complementando a informação da planta térrea geral) e ainda alguns exemplares das já mencionadas plantas da Sé Velha e da Igreja da Misericórdia. Nenhum destes desenhos se encontra assinado pelo Marquês. Agradecemos à Dr.^a Maria José da Silva Fernandes, Coordenadora-Geral do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, a informação sobre os conteúdos deste álbum.

12 Pedro Dias, “O Regimento das Obras da Universidade de Coimbra ao tempo da Reforma Pombalina”, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. VI, 1984, pp. 335-348.

Elsden – havia adoecido¹³. Os planos retidos em Lisboa deveriam seguir para Coimbra levados em mão pelo próprio Elsden que, no entanto, permaneceu na capital até ao final do mês, impossibilitado de viajar por um “*acidente de Gota*”. Em 2 de março, o Marquês anuncia a partida iminente de Elsden para Coimbra “*dentro de trez ou quatro dias*”¹⁴.

A nosso ver, correspondem a esta fase de desenvolvimento os desenhos (uma planta e três perfis) para o Laboratório *Chymico* pertencentes a um segundo álbum da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, alguns dos quais foram já publicados¹⁵. Correspondem, em nossa opinião, ao primeiro projeto para este novo equipamento, de entre outros que se conhecem. Reproduzimos aqui a “Planta” (**fig. 3**), cuja legenda indica ter sido realizada em 1773 e explica que o laboratório deveria ser “*executado no refeitório que foy dos proscriptos (...) Jezuitas*”.

Porém, uma análise sumária das escalas gráficas associadas a este projeto (tanto na planta como nos perfis) leva a concluir que o espaço a ser ocupado pelo “teatro” das demonstrações (a valência do novo equipamento efetivamente representada)¹⁶ não seria o antigo refeitório dos Jesuítas mas sim, e aparentemente, o ante-refeitório daquela estrutura, que se erguia à sua entrada, do lado poente¹⁷. Nesta hipó-

13 Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos ...*, 1937, vol. I, pp. 70-71.

14 *Ibidem*, pp. 80-82.

15 A planta e um perfil foram publicados por Regina Anacleto em “Reforma Pombalina. Primeiros projectos architectónicos”, in *O Paço das Escolas Revisitado*, suplemento ao n.º 1 da revista *Rua Larga*, 2003, pp. 8-13; A planta e um outro perfil foram reproduzidos em *Museu da Ciência. Luz e Matéria*, Universidade de Coimbra, 2006, pp. 43 e 45. O álbum contem um total de cinco desenhos: a planta e três perfis do teatro das demonstrações químicas; e um outro desenho referente a um forno portátil para as demonstrações químicas. Agradecemos à Dr.ª Maria José da Silva Fernandes, Coordenadora-Geral do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, a informação sobre os conteúdos deste outro álbum.

16 Elsden referir-se-á ao “Theatro” (das demonstrações químicas) no relatório de 27 de setembro de 1772, que transcreveremos parcialmente mais adiante.

17 Com efeito, podemos verificar que o teatro das demonstrações ocupava um edifício retangular de cerca 50 por 33,6 pés (16,5 por 11,1 metros, tomando cada pé por 0,33 metros), muito diferente dos cerca de 156 por 80 palmos (33,0 por 17,6

tese, a sala do refeitório propriamente dito serviria para as oficinas do laboratório.

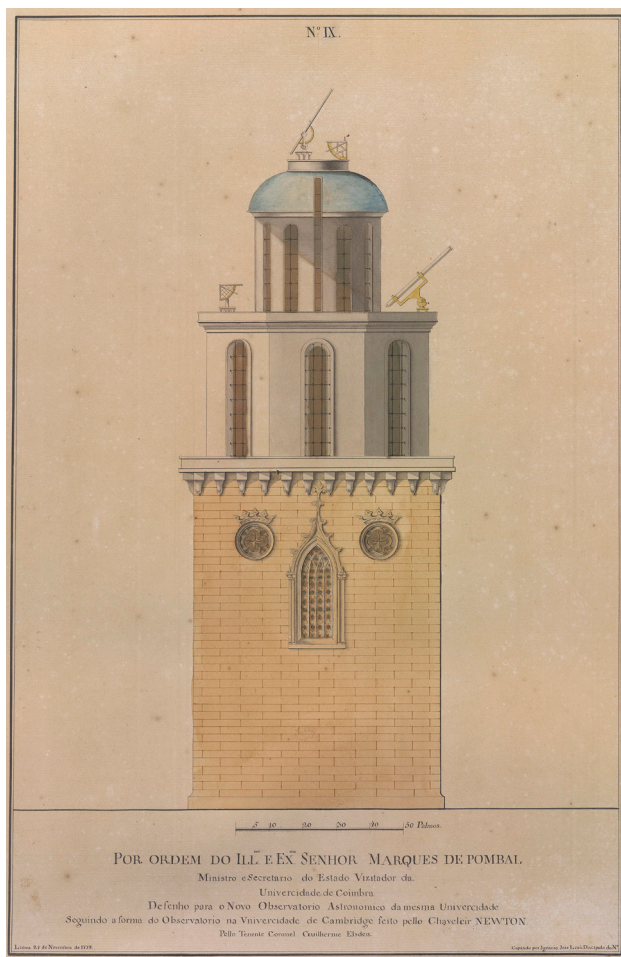


Fig. 2

Desenho para o Novo Observatorio Astronomico. 24 de Novembro de 1772.
(Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro).

metros, tomando cada palmo por 0,22 metros) que apresenta o antigo refeitório na “*Planta para o Laboratorio Chymico da Universidade de Coimbra*” (de que existem cópias no *Livro de Provisões* do Museu Machado de Castro e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) e que mais não é do que um levantamento do antigo refeitório jesuíta. Já o ante-refeitório (de acordo com esta última planta) tem cerca de 80 por 54 palmos (ou seja 17,6 metros por 11,9 metros), medida muito mais próxima da do projeto que está no Rio de Janeiro.

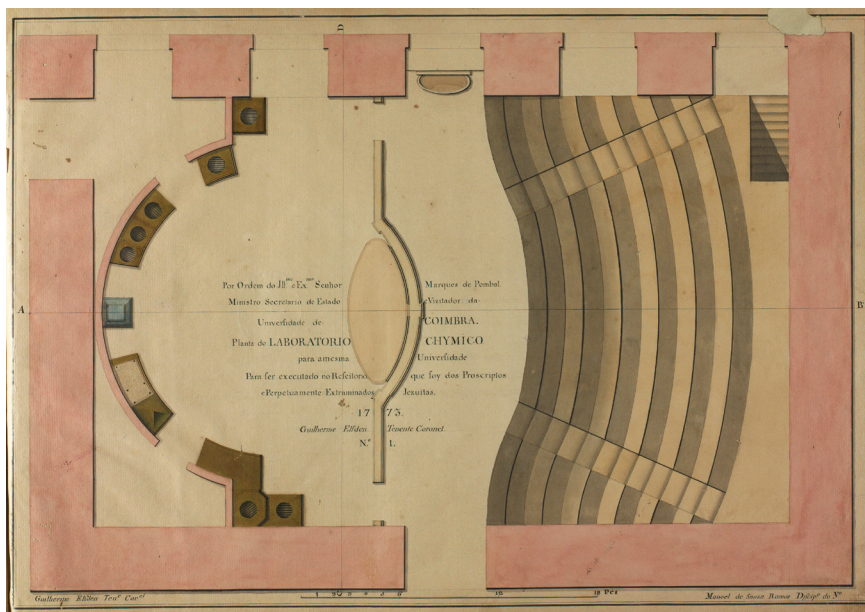


Fig. 3

Planta para o Laboratorio Chymico. 1773.

(Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro).

Com Ellden finalmente em Coimbra, avançariam decisivamente os projetos para os vários estabelecimentos. Não obstante, e como veremos, os projetos em elaboração para o Observatório Astronómico e para o Laboratório *Chymico* não seriam ainda as versões efetivamente começadas a levantar. Aparentemente, o projeto finalizado mais rapidamente seria o da reformulação do Colégio de Jesus, ao nível das suas plantas e das novas fachadas sul (à direita da Sé Nova) e nascente. Seria também essa a primeira destas obras a avançar.

O lançamento da primeira pedra deu-se a 13 de maio de 1773, dia do aniversário do Marquês, que seria informado do facto por carta do Reitor-Reformador datada de dia 18. Carvalho e Melo responderia apenas a 30 de junho, mencionando claramente que “*Não pode*

*haver duvida na demolição da Capella chamada do Santo Borja*¹⁸. Esta capela, situada no primeiro andar, sobre o acesso ao ante-refeitório, correspondia a uma protuberância na frente nascente do antigo colégio jesuíta e a sua demolição tornava-se necessária para a elaboração da nova fachada – extensa de 110 metros – do novo *Edifício das Ciências Naturaes*.

Segundo semestre de 1773

Data de 27 de setembro um importante relatório, assinado pelo próprio Guilherme Elsdén, no qual se dá conta ao Marquês de Pombal do avanço das obras universitárias, no intervalo de tempo decorrido desde o dia 25 de julho¹⁹:

- *“Fiz os riscos das respectivas partes da Cantaria do Edifício da Historia Natural dos Três Reynos e Theatro de Phylosophy Experimental em grande (...)”*
- *Agosto... Entrei com o Desenho do Laboratorio Chymico; mas para maior asserto examinei as Paredes existentes da Caza que foi do Lavatorio, e Refetoria, e achei que ellas erão mtº capazes; e somente precisavão reformar as Janellas para completar, não só o Theatro, mas também os Fornos e outras Officinas necessárias; e assim a dispeza hade ser inconsideravelmente modica. A Elevação geométrica da Frente; e a Planta Ichnografica com suas explicações está completada. (...)*
- *Vay adiante com força na Obra dos Theatros da Historia Natural, e Phylosophy Experimental (...)*
- *Setembro... Entrei com o Desenho do Observatorio Astronomico (...) o qual se acha quaizi Completo.*

18 Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos...*, pp. 85-86.

19 Francisco de Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses* (vol. III, 1922), Lisboa, INCM, vol. III, 1988, pp. 293-294.

- *A Frente do Edifício da Historia Natural e Phylosophy Experimental está vencida até as Janellas, e Portas, e divizoens interiores do Andar de Baixo, e vai adiante com todo o Cuidado.*
- *As Paredes Velhas exteriores do Castello, tanto as próximas à Torre Velha como Nova, estão razas; e o terreno está quaizi prompto para principiar a Obra do Observatorio Astronomico, o qual eu espero seja o mais próprio, e Conveniente em toda a Europa (...).*

Julgamos que é deste período (verão de 1773) um importante conjunto de quatro conhecidos desenhos assinados pelo Marquês (sempre no canto superior esquerdo da figura), hoje dispersos. Quando foram assinados por Pombal? Uma carta deste para o Reitor-Reformador, com data de 5 de outubro, dá claramente a entender que Elsdén era então esperado na Corte, tendo-lhe sido dada licença para se deslocar a Lisboa²⁰. E foi muito provavelmente nessa ocasião que o Marquês assinou os desenhos: *“Fico esperando com gosto pelas Plantas do Observatorio, e Laboratorio, que V. Ex^a diz se estavam pondo em limpo”*.

O primeiro desses quatro desenhos, realizado por Guilherme Elsdén e por Manoel de Souza Ramos (ajudante), corresponde à *“Elevação Geométrica do Cabido”* (**fig. 4**), ou seja, ao alçado renovado do Colégio de Jesus voltado a Sul, à direita da Sé Nova, a antiga igreja dos Jesuítas. Está datado de 1773 (será de julho desse ano) e foi integrado por D. Francisco de Lemos no livro dos *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, em 1777²¹. Podemos observar que a imagem final das novas frentes meridional e nascente do edifício destinado às novas valências das Faculdades de Filosofia e de Medicina estava já definida. O que confere com a informação relativa a setembro, dada por Elsdén, segundo a qual: *“A Frente do Edifício da Historia Natural e Phylosophy*

20 Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos...*, pp. 102-104.

21 D. Francisco de Lemos, *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, 1777; edição a preto e branco de Matilde Sousa Franco (ed.), Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983 – Desenho XXVIII.

Experimental está vencida até as Janellas, e Portas, e divizoens interiores do Andar de Baixo”.

Um segundo desenho, realizado por Elsdén e que se encontra hoje guardado no Departamento de Química da FCTUC, corresponde à “Elevação Geométrica da Frente do Laboratorio Chymico” (**fig. 5**) e tem, aparentemente, a data de 1772, o que é contraditório com o faseamento que estamos aqui a propor. Contudo, o desenho não é desse ano – a legenda diz apenas que foi feito “*tirado do Mappa Geral que foy levantado no mez de Outubro de 1772*”. Ou seja, foi feito a partir dos primeiros levantamentos planimétricos realizados nesse ano e que permitiram realizar, entre outras, a “*Planta Ichnografica*” já aqui mencionada (**fig.1**). O projeto representa uma evolução em relação ao projeto anterior do *Laboratorio Chymico*, que Elsdén havia desenvolvido no princípio de 1773. É-lhe, portanto, posterior (o relatório revela que é de agosto).

Pela análise da escala métrica, podemos concluir que a disposição proposta corresponde ao aproveitamento das paredes-mestras do conjunto dos antigos ante-refeitório e refeitório dos Jesuítas. O alçado principal, que tanto poderia estar voltado a Sul (no sentido do Colégio das Artes) ou a Norte (no sentido de um novo espaço urbano, acessível desde a atual rua Inácio Duarte), mediria 205 palmos, ou seja, 45,1 metros, precisamente a extensão do corpo conjunto dos antigos ante-refeitório e refeitório, que se pode retirar tanto da “*Planta Ichnografica*” (**fig.1**) como da “*Planta para o Laboratorio Chymico na Universidade de Coimbra*”, um levantamento mais específico e que constitui um dos desenhos apensos ao *Livro de Provisões*²². Os sete vãos, entre portas e janelas, correspondem às duas janelas do ante-refeitório e às cinco janelas do refeitório. Por isso, dizia Elsdén que “*a despeza hade ser inconsideravelmente modica*”.

22 De que existe um outro exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Inv. Ms. 3377/6).

Um outro dado que permite datar esta peça gráfica de 1773 é a cartela pétrea por cima da porta de entrada, rigorosamente idêntica à cartela do *"Prospecto Principal do Observatório Astronómico"* (**fig. 6**), que podemos datar (de acordo com o relatório) de setembro do mesmo ano. Este último desenho, onde, tal como no anterior, só aparece (como executante) o nome de Guilherme Elsdén, já é também um segundo projeto para o Observatório, no qual se propõe integrar ambas as torres do castelo, a quadrada e a pentagonal. Esta opção está de acordo com o excerto do relatório de Elsdén de 27 de setembro, em que claramente se refere que *"As Paredes Velhas exteriores do Castello, tanto as próximas à Torre Velha como Nova, estão razas"*. Preservavam-se, pois, ambas as torres – já que as duas, nesta fase, eram necessárias.

Finalmente, é ainda deste tempo a planta da plataforma superior do Observatório (**fig. 7**), também assinada pelo Marquês (desenho pertencente ao Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra) e que mostra tratar-se do mesmo projeto em que são aproveitadas ambas as torres do castelo. Mas faltam outros desenhos correspondentes a este projeto: a planta da plataforma superior tem o número 3 enquanto o *"Prospecto Principal"* tem o número 5; existiriam certamente plantas dos pisos principais do Observatório. Corresponde também a este período a planta de delimitação dos terrenos destinados ao Jardim Botânico, a qual se encontra à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra²³. Nela, representa-se a implantação do Observatório em projeto que aproveitava, justamente, as duas torres do castelo.

Uma análise sucinta às despesas de obra relativas a 1773 permite confirmar este panorama geral²⁴. As obras estavam a avançar, sobre-

23 Inv. Dep. IV, S. 1ªD, Est. 2, Tab. 2, nº 4.

24 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, pp. 120-125.

tudo no antigo Colégio de Jesus, designado como “*Edifício das Ciências Naturais*”, onde se haviam já gasto 9.961\$000 reis para remodelação da sua metade nascente (na parte poente, correspondente ao Hospital, a despesa era ainda nula). Arrolavam-se também despesas com o *Laboratorio Chymico* – uns insignificantes 127\$000 reis (certamente para pequenas obras de adaptação do refeitório jesuíta) – e para o Observatório Astronómico; neste último caso, 1.835\$000 reis, seguramente gastos nas obras de demolição dos muros do antigo castelo. Nenhum destes novos equipamentos podia estar objetivamente a avançar pois nenhum dos dois projetos era o definitivo, como acabámos de ver. Por outro lado, foram gastos valores importantes em outras obras de que não podemos ocupar-nos aqui: 4.614\$000 reis no novo edifício da Imprensa; e 4.860\$000 reis nos Paços da Universidade.

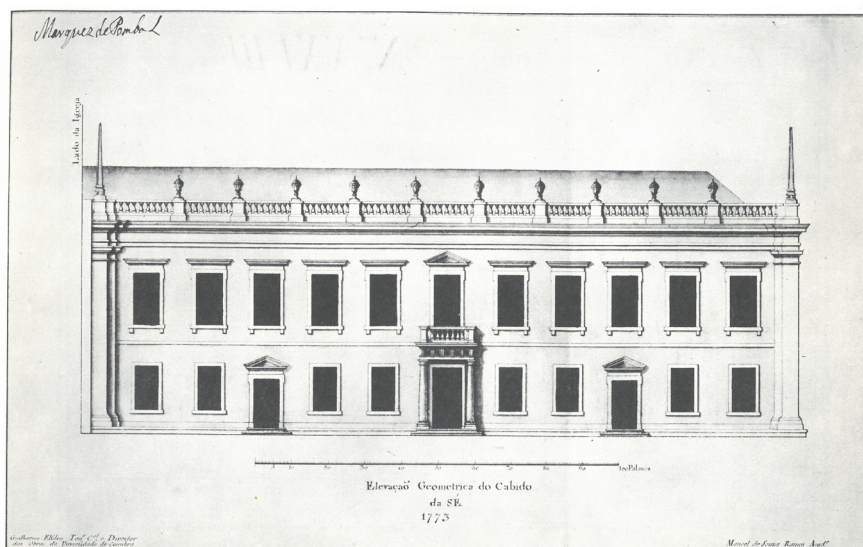


Fig. 4
Elevação Geometrica do Cabido da Se – 1773
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).

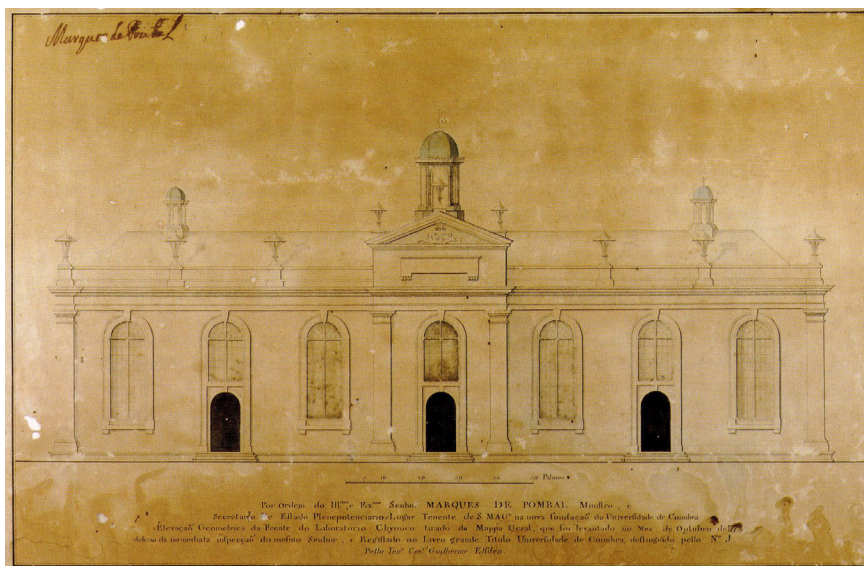


Fig. 5

Elevação Geométrica da Frente do Laboratório Chymico
(Departamento de Química FCTUC).

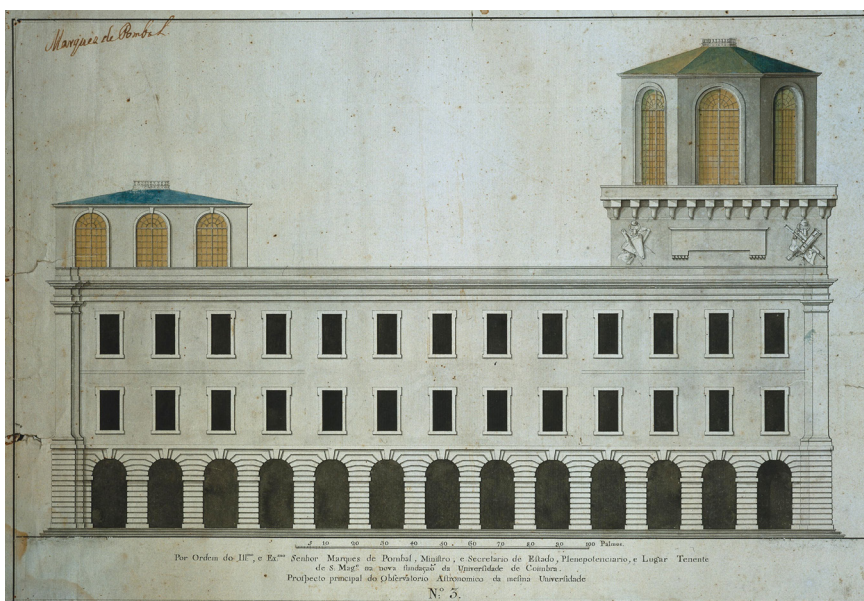


Fig. 6

Prospecto principal do Observatorio Astronomico
(Museu Nacional de Machado de Castro).

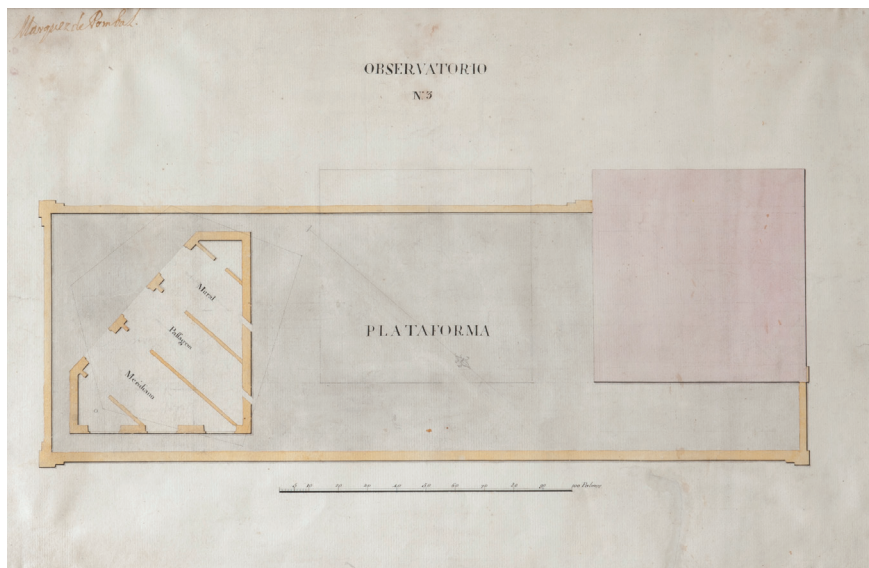


Fig. 7
Observatorio – Planta da plataforma
(Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra).

1774-1776

Os dados que sistematizámos até ao momento implicam que terão de datar de finais de 1773 ou de inícios de 1774 os projetos definitivos, tanto do Laboratório *Chimico* como do Observatório Astronómico. São posteriores, pois, à hipotética reunião, em Lisboa, de Elsdén com o Marquês, ocorrida em outubro de 1773.

Em relação aos projetos definitivos, falamos evidentemente do Laboratório *Chimico*, com a planta em “L” e com a fachada virada a poente (**fig. 8**), para a nova fachada do Edifício da História Natural (**fig. 9**). Esta opção revelou-se inevitável, de modo a fazer face à nova frente de 110 metros daquele edifício, que dava lugar à criação de um espaço urbano até então inexistente: o atual largo do Marquês de Pombal. O arcabouço do refeitório jesuítico foi aproveitado para a perna mais curta do “L”, tendo sido necessário demolir o corpo do

ante-refeitório. Obviamente, foi também necessário levantar de raiz a nova fachada do laboratório (cujo remate só seria realizado no final do século XIX, como se sabe, substituindo-se o frontão previsto nos desenhos por um coroamento com um desenho diferente).

Também definitivo era o projeto do Observatório Astronómico que voltava apenas a aproveitar a torre quadrada (**fig. 10**), agora como elemento central e nuclear de uma composição mais elaborada – um projeto magnífico, mas que se ficou, lamentavelmente, pela conclusão do rés-do-chão (por fim demolido nas obras da Alta Universitária levadas a cabo durante o Estado Novo). Nesta versão final, foi, portanto, necessário demolir a torre pentagonal do Castelo, obra onde se terão gasto mais alguns milhares de reis.

Observando as contas dos anos de 1774 a 1776, podemos verificar que as obras avançavam, com valores significativos, em todas as frentes²⁵:

- 11.562\$000 reis para o *Edifício das Sciencias Naturaes*; 11.080\$000 reis para o Observatório Astronómico; 3.007\$000 reis para o *Laboratorio Chymico*, em 1774 (a que acrescem mais de 5.000\$000 reis, quer para a obra da Imprensa, quer para as obras dos Paços);
- 15.458\$000 reis para o *Edifício das Sciencias Naturaes*; 1.708\$000 reis para a obra do Hospital; 5.345\$000 reis para o Observatório Astronómico; 3.732\$000 reis para o *Laboratorio Chymico*, em 1775 (a que acrescem mais de 2.000\$000 reis, quer para a obra da Imprensa, quer para as obras dos Paços);
- 7.940\$000 reis para o *Edifício das Sciencias Naturaes*; 6.323\$000 reis para a obra do Hospital; apenas 625\$000 reis para o Observatório Astronómico; 3.433\$000 reis para o *Laboratorio Chymico*, em 1776 (a que acrescem mais de 1.930\$000 reis para a obra da Imprensa e 2.568\$000 reis para as obras dos Paços);

25 D. Francisco de Lemos, *Relação Geral...*, pp. 120-125.

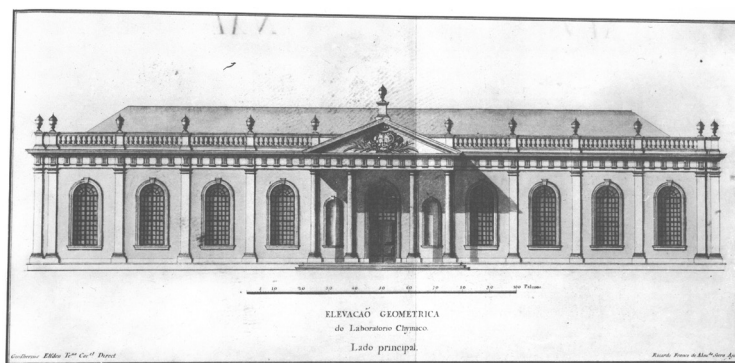


Fig. 8

Elevação Geometrica do Laboratorio Chymico – Lado principal
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).

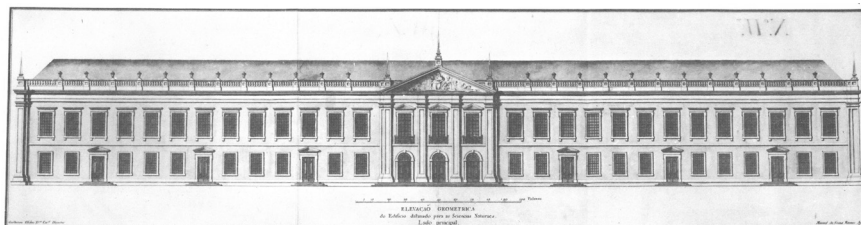


Fig. 9

Elevação Geometrica do Edificio destinado para as Sciencias Naturaes – Lado principal
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).

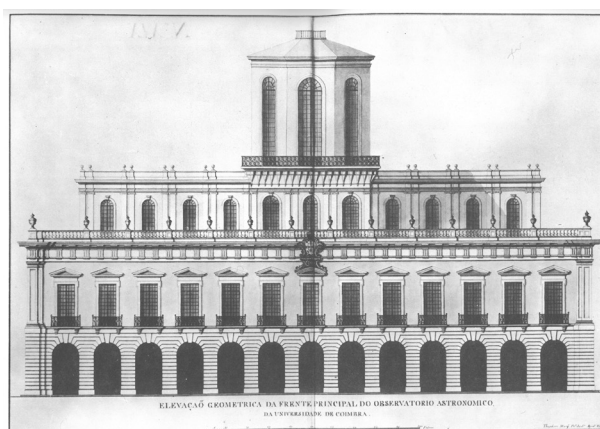


Fig. 10

Elevação Geometrica da Frente Principal do Observatorio Astronomico
(Riscos das Obras da Universidade de Coimbra).

Pelo meio, importa referir uma nova viagem de Elsdén a Lisboa, para mostrar os projetos definitivos ao Marquês, a 3 de dezembro de 1775:

“O contentamento que Sua Ex^a recebeu com a chegada do Ten.^{te} Coronel Guilherme Elsdén e com a apresentação do formoso Livro dos Prospectos, e Plantas das Obras Publicas dessa Universidade he inexprimível. E só o S^{or}. João Pereira (...); o S^{or}. Conselheiro Sobral (...); o S^{or}. Cardeal (...); e o mesmo Elsdén, que se vio no cumulo do seu contentamento, o poderão bem dizer”²⁶.

Epílogo

A 24 de fevereiro de 1777 morreu D. José. A ascensão ao trono de D. Maria I implicou a demissão do Marquês de Pombal e a suspensão das obras da Universidade. No novo quadro político, D. Francisco de Lemos apressou-se a elaborar dois relatórios complementares, com vista a defender a bondade da Reforma²⁷: a *Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra* (manuscrito pertencente ao Arquivo da Universidade de Coimbra e publicado em 1894, por Teófilo Braga); e o álbum de desenhos (já mencionado neste texto) *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, que incluía, para além das peças gráficas, uma pequena memória relativa às obras dos novos estabelecimentos. Em março de 1777, seguia já o Reitor-Reformador a caminho de Lisboa. Segundo Matilde Sousa Franco, “foram os referidos dois textos de D. Francisco de Lemos, o da *Relação Geral*... e o dos *Estabelecimentos*... [a memória dos *Riscos das Obras*...] que salvaram a Universidade

26 Aviso de João Chrysostomo de Faria e Souza de Vasconcellos de Sá para o Reitor-Reformador. Cf. Manuel Lopes d’Almeida, *Documentos*..., pp. 215-216.

27 Matilde Sousa Franco (ed.), *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983, p. 7.

de Coimbra”²⁸. Pela nossa parte, e com este breve ensaio, pretendemos dar um novo contributo para melhor conhecimento da Reforma Pombalina e do andamento dos seus projetos e obras.

Bibliografia

- ALMEIDA, Manuel Lopes de (1937-1979). *Documentos da Reforma Pombalina* (2 vols.). Coimbra: Universidade.
- ANACLETO, Regina (2003). Reforma Pombalina. Primeiros projectos arquitectónicos. *Rua Larga*, 1 (supl. O Paço das Escolas Revisitado, 8-13).
- BRAGA, Teófilo (1894). *Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2004). A Arquitectura da Ciência. In AAVV, *Laboratório do Mundo. Idéias e saberes do século XVIII*. Lisboa: Ministério da Cultura ; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, pp. 48-101.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2011). *A Sé Nova de Coimbra*. Coimbra: DRCC.
- DIAS, Pedro (1984). O Regimento das Obras da Universidade de Coimbra ao tempo da Reforma Pombalina. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 6, 335-348.
- FRANCO, Matilde Sousa (ed.) (1983). *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro.
- LIVRO DE PROVISÕES (s/d). *Museu Nacional de Machado de Castro*. MNMC 2231.
- LOBO, Rui (2017). O Colégio de Jesus. Programa, história arquitetónica, iconografia. *Rua Larga*, 50, 48-55.
- MARTINS, Carlos ; FIGUEIREDO, Fernando B. (2008). O Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra 1772-1779. *Rua Larga*, 21, 57-61.
- VASCONCELOS, António de (1917). Diário da Visita do Marquês de Pombal a Coimbra na Reforma da Universidade. *Revista da Universidade de Coimbra*, 6 (1-2), 141-182.
- VITERBO, Francisco de Sousa (1922). *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses* (ed. 1988). Lisboa: INCM, vol. 3.

28 *Ibidem*, p. 7.

(Página deixada propositadamente em branco)